

## Teorias de Gênero: Por Que Discutir?<sup>1</sup>

Douglas Meurer KUSPIOSZ<sup>2</sup>  
Layse NASCIMENTO<sup>3</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a reportagem radiofônica *Teorias de Gênero: Por Que Discutir?*. A reportagem foi desenvolvida como atividade da disciplina de radiojornal laboratório, com a orientação da professora Layse Nascimento. Nela, buscou-se exemplificar porque a discussão de gênero é importante, o que são as teorias de gênero, como elas se mostram através da história e, principalmente, analisar a presença delas e a figura da mulher em dois campos da cultura brasileira: a literatura e a mídia, especificamente nas revistas femininas. Dado ao destaque recebido nos últimos anos, a inclusão da temática de igualdade de gênero nas escolas também foi debatida.

**PALAVRAS-CHAVE:** reportagem, rádio, gênero, literatura.

### 1. INTRODUÇÃO

As discussões acerca das teorias de gênero voltaram a ser pauta nacional nos últimos anos. Quando a proposta do Ministério da Educação de incluir o tema de igualdade de gênero nos planos estaduais e municipais de educação começou a ser votada, em 2014, o que se pode notar foi uma resistência muito grande por parte de políticos e de entidades sociais, sobretudo as de cunho religioso.

O Exame Nacional do Ensino Médio de 2015 causou polêmica ao incluir numa questão um trecho do livro *O Segundo Sexo*, da filósofa francesa Simone de Beauvoir, e várias pessoas públicas passaram a questionar a validade da obra de Beauvoir, como os deputados federais Jair Bolsonaro (PP/RJ) e Marco Feliciano (PSC/SP)<sup>4</sup>.

Mas, o que é possível notar é que a temática de gênero ainda traz muitas dúvidas para grande parte das pessoas e é julgada como uma “ideologia” ou uma forma de “doutrinar” as crianças, quando, na verdade, busca apenas rever os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Radiojornalismo (avulso).

<sup>2</sup> Aluno líder do trabalho e estudante do 2º ano do curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, e-mail: douglasmeurer@outlook.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, e-mail: p.layse@hotmail.com

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/deputados-bolsonaro-e-feliciano-acusam-enem-de-doutrinacao.html>>. Acessado em 02 de abril de 2016.

Gênero é um conceito que surge nos anos de 1970 e faz parte do campo de estudo das ciências sociais, mas sua história muito deve à crítica feminista, e refere-se à construção social do sexo, como mostra a antropóloga Maria Luiza Heilborn:

O conceito de gênero refere-se à construção social do sexo e foi produzido com a idéia de discriminar o nível anátomo-fisiológico da esfera social/cultural. Em outras palavras, essa categoria analítica visa, sobretudo, distinguir a dimensão biológica da social. (...)Para o senso comum, parece óbvio que as condutas femininas e masculinas resultem de uma inscrição natural em seus corpos. Resultado disso seria a posição que a mulher ocupa no processo reprodutivo, a qual será retomada mais adiante. Em contraposição, espera-se de um modo geral que ao sexo masculino sejam associados os papéis da esfera pública, e as atitudes de virilidade e força, em oposição à fragilidade, associada ao feminino. (HEILBORN, 2002, p. 4)

Portanto, a ideia de uma construção do gênero através da cultura, a priori, demonstra que a desigualdade existente entre homens e mulheres (como diferença de salários, a questão da violência doméstica) pode ser revertida.

A reportagem busca, através da análise da imagem da mulher em dois campos específicos da cultura brasileira, mostrar como a desigualdade é um fato e como ela se apresenta no decorrer dos anos. Para tanto, foram analisadas as revistas femininas no Brasil, sobretudo as que tiveram seu auge no século XX, e a literatura feminina brasileira, com ênfase na obra de Clarice Lispector. Também foram discutidas as possibilidades de ensino do tema nas escolas.

## 2. OBJETIVOS

A reportagem se propôs a explicar e exemplificar o que é a igualdade de gênero e como ela pode ser uma forma de se diminuir os índices de violência contra a mulher no Brasil, pois de acordo com o pesquisador Eduardo Ramalho Rabenhorst,

com a ampliação da percepção do fenômeno da violência na contemporaneidade, o espaço familiar deixou de ser idealizado como idílico, e passou a ser observado também como o lugar de ocorrência de novas modalidades de expressão de força (maus-tratos, violência física ou moral, abuso sexual, entre outras) especialmente contra aqueles que se encontrariam em situação de vulnerabilidade: crianças, adolescentes, mulheres e idosos. (RABENHORST, 2012, p. 27).

Estes são objetivos da produção *Teorias de Gênero: Por Que Discutir?*<sup>5</sup>:

---

<sup>5</sup> Optemos por usar o título do trabalho em itálico para destaca-lo no texto.

- 1) Mostrar como as teorias de gênero estão intrínsecas na obra de Clarice Lispector e na literatura brasileira, com ênfase na crítica à condição biológica e à inferioridade da mulher, como explica Beauvoir:

Quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido numa situação de inferioridade, ele é de fato inferior; mas é sobre o alcance da palavra ser que precisamos entender-nos; a má fé consiste em dar-lhe um valor substancial quando tem o sentido dinâmico hegeliano: ser é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores. (BEAUVOIR, 1970, p.18).

- 2) Analisar como as revistas femininas, principalmente as que surgem no século XX, ajudaram a fomentar um estereótipo de “ser mulher”, comumente ligado aos espaços privados;
- 3) Levar a discussão da inclusão da temática de gênero para as escolas: como fazer, seus impactos e possíveis abordagens.

### 3. JUSTIFICATIVA

*Teorias de Gênero: Por Que Discutir?* aborda um tema de relevância nacional, posto que os índices de violência contra a mulher são preocupantes. De acordo com o site Compromisso e Atitude<sup>6</sup>, 38,72% das mulheres em situação de violência sofrem agressões diariamente; para 33,86% a violência é semanal. Até outubro de 2015 cerca de 60 mil mulheres foram agredidas no Brasil. Esses dados mostram que algo precisa ser feito para diminuir esses índices e promover a igualdade entre homens e mulheres.

São inegáveis as conquistas sociais das mulheres brasileiras nas últimas décadas e a redução de algumas desigualdades de gênero. No entanto, a violência contra as mulheres ainda é uma questão social grave e com consequências diretas na vida, em geral, e na saúde sexual e reprodutiva. No Brasil, como em vários outros países latino-americanos, a violência não é somente praticada, mas muitas vezes também reconhecida e legitimada por parte da sociedade, principalmente quando envolve infidelidade conjugal. A forma mais comum de violência contra as mulheres é o abuso por parte do companheiro, que envolve desde agressão psicológica, física até relação sexual forçada. O cenário mais real da violência doméstica ainda não é conhecido, pois, na maioria das vezes, a agressão não é denunciada às autoridades e a mulher busca ajuda com amigas ou dentro da família, quando não se silencia totalmente. (ALVES; CORRÊA, 2009, p.196).

No cenário atual, vê-se que é necessário discutir as questões de sexualidade e de gênero na sociedade, principalmente no que diz respeito a uma maior tolerância às diferenças. Portanto, a produção da reportagem *Teorias de Gênero: Por Que Discutir?*

---

<sup>6</sup> Disponível em: < <http://www.compromissoeatitude.org.br/dados-nacionais-sobre-violencia-contra-a-mulher/> > Acessado em 03 de abril de 2016.

busca tratar do assunto da igualdade de gênero de forma acessível e didática, utilizando a abrangência e a heterogeneidade do público radiofônico para atingir o maior número de ouvintes e tentar, a partir daí, promover uma discussão maior acerca das questões da violência contra a mulher.

Essas teorias surgem, inicialmente, como uma crítica à condição biológica da mulher. Tal condição perpetua a inferioridade da mulher diante ao homem, e a desigualdade social e a violência doméstica, por exemplo, são resultados dessa concepção. Rompendo com esse pensamento, Simone de Beauvoir publicou, ainda na década de 1940, o livro *O Segundo Sexo*, que no Exame Nacional do Ensino Médio de 2015 compôs uma questão e foi muito criticado, sobretudo por esta frase: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 1967, p.9). As críticas partiram, em sua maioria, de uma interpretação equivocada. Beauvoir sintetiza nesse trecho do livro uma nova forma de pensar o feminino, agora como uma construção social, como a autora demonstra no decorrer da obra:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (BEAUVOIR, 1967, p.9)

Como afirma Heilborn (2002), os papéis sociais desenvolvidos por homens e mulheres são uma condição construída através da cultura, e não concebidos naturalmente. Portanto, características como sensibilidade, romantismo, fragilidade, que outrora eram atribuídos biologicamente à mulher, assim como a necessidade dela ser a cuidadora do lar, lavando, cozinhando e criando os filhos enquanto o homem trabalha, passam a ser vistas como resultados de uma imposição social que pode e vem sendo mudada.

#### **4. MÉTODO E TÉCNICAS UTILIZADAS**

Segundo Emílio Prado (1985) a reportagem é o gênero mais rico utilizado no rádio informativo, pois não possui uma estrutura rígida. “Toda reportagem é, em definitivo, uma agrupação de representações fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma ideia global de um tema” (PRADO, 1985, p.85). Portanto, esse foi o formato escolhido para abordar o tema, sobretudo por sua complexidade e pelo fato de que é, ainda nos dias de hoje, muito mistificado.

Prado (1985) divide a produção de reportagem em dois formatos, a reportagem simultânea, que é feita ao vivo, tendo como característica a improvisação do locutor e a reportagem diferida, que foi a escolhida para este trabalho.

A reportagem diferida permite montagem. Portanto, a seleção das representações fragmentadas da realidade se faz após o conhecimento da ação, uma vez que esta tenha sido concluída. O ordenamento das representações não precisa seguir uma sequência cronológica, mas uma ordem lógica que facilite a compreensão do fato. A síntese é a principal vantagem da reportagem diferida. (PRADO, 1985, p.89).

A constituição da reportagem possui três subgêneros: a) a imagem da mulher na literatura e a presença das teorias de gênero na obra da escritora Clarice Lispector; b) o estereótipo da mulher criada pelas revistas femininas no Brasil e seu papel na fomentação da desigualdade entre homens e mulheres; c) as possibilidades de abordagem e aplicação das teorias de gênero dentro da escola, assim como seus impactos.

Para tanto, foram entrevistados professores e pesquisadores das respectivas áreas: Maristela Scremin Valério responde questões sobre o surgimento das ideias de gênero e sua resistência nos dias de hoje, e argumenta sobre a presença dessas ideias na literatura brasileira; Nincia Teixeira, que é autora de um projeto de pesquisa sobre as revistas femininas no Brasil, explica como elas ajudaram a fomentar uma imagem de ser mulher, muito ligada a espaços domésticos e de submissão; e Daniel Donato Piasecki, professor de filosofia em Guarapuava, expõe suas impressões sobre o tema e como é possível trata-lo dentro da sala de aula.

Como a reportagem diferida permite a montagem não cronológica do material, as entrevistas foram feitas em datas diferentes, e, durante o tempo de produção, foram abordadas pessoas sobre duas questões para a montagem de enquetes: “você sabe o que é igualdade de gênero?” e “o que você acha da temática de gênero ser estudada nas escolas?”, de modo a incluir, entre cada subtema, uma enquete com as impressões da população de Guarapuava, cidade que em 2012 estava no 96º lugar do Mapa da Violência Contra a Mulher<sup>7</sup>.

Foram desenvolvidas todas as fases de produção de uma reportagem, que são o desenvolvimento de pautas, a elaboração de entrevistas, escrita e gravação de texto jornalístico e a edição do material. Prado (1985) cita a entrevista diferida como a passível

---

<sup>7</sup> Disponível em < [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012\\_atual\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_atual_mulheres.pdf)>. Acessado em 04 de abril de 2016.

de ser montada e assim, por exemplo, modificar respostas que tenham ficado redundantes, sem que isso diminua a quantidade de dados oferecidos ao público.

A entrevista diferida oferece a possibilidade da montagem antes da emissão, com o que sempre é possível controlar sua duração e polir pequenos erros, assim como modificar a ordem as perguntas e respostas em favor de um desenvolvimento mais lógico. Com a montagem se assim mesmo fazer a entrevista mais ágil, pois quase todas as entrevistas poderão ser encurtadas. (PRADO, 1985, p.59).

Essas possibilidades de edição foram usadas na pós-produção do material, que incluiu a redução das entrevistas, remoção de erros e vícios de linguagem, mudança na ordem de perguntas e respostas, buscando deixar o conteúdo o mais claro possível. A edição da reportagem ainda possibilitou a inserção de trilhas e efeitos sonoros que ajudaram a dar ritmo e dinamismo ao material.

## 5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

*Teorias de Gênero: Por Que Discutir?* é uma reportagem de 28 minutos e 51 segundos, produzida pelo acadêmico Douglas Meurer Kuspiousz para a disciplina de Radiojornal Laboratório, que busca trazer a temática de gênero de forma acessível, respeitando a heterogeneidade do público radiofônico, como explica Cyro Cesar:

Sua audiência é anônima, pois o comunicador não sabe individualmente onde está cada um de seus ouvintes. Seu público ouvinte é heterogêneo, por causa da abrangência de pessoa de diversas classes socioeconômicas, com anseios e necessidades diferentes. O rádio, como emissor, utiliza a linguagem oral. Ele fala a mensagem e o receptor ouve. O ouvinte não precisa ser alfabetizado. (CESAR, 2005, p. 163)

Ainda de acordo com Cesar (2005) o rádio ajuda o ouvinte a exercitar a imaginação, já que ele estimula apenas o sentido da audição. “Os efeitos sonoros da sonoplastia também estimulam a imaginação (...). O som, associado à fala, faz com que o público consiga ver o que está sendo transmitido. Cada um imagina como quiser: essa é a grande riqueza do rádio.” (CESAR, 2005, p. 164). A reportagem busca explorar essa capacidade do rádio.

Um dos elementos utilizados para retratar a violência contra a mulher é a peça publicitária Teste Auditivo 3D, criada pelo Sistema Jornal do Commercio de Comunicação. Nela, uma voz instrui o ouvinte a fechar os olhos e prestar atenção, para que sua “tridimensionalidade 3D” seja testada. Logo em seguida diversos sons surgem, até que, ao fundo, podemos ouvir um homem e uma mulher discutindo. Eles entram em casa e o homem começa a agredi-la.

Outro elemento utilizado para ilustrar o papel da mulher na sociedade, este mais implícito, são as músicas. Foram escolhidas como trilhas músicas que retratam a mulher como alguém superficial, que se preocupa apenas em gastar dinheiro, como a música “Ai! Que saudade de Amélia”, de Mário Lagos. Também foram selecionadas composições da Música Popular Brasileira que denunciam a violência e a submissão sofrida pelas mulheres, como é o caso da música “Cotidiano”, de Chico Buarque, que ilustra uma mulher protetora e acolhedora no lar, que não desenvolve nenhum outro papel além de servir a seu esposo, e ainda, a música “Essa Mulher”, de Elis Regina, que descreve o conformismo de uma dona de casa com sua rotina.

## 6. CONSIDERAÇÕES

O que foi almejado com essa reportagem esbarra no conceito educacional que o rádio teve no início de sua implantação no Brasil, cujo pioneiro foi o professor Edgard Roquette-Pinto, como mostra o pesquisador Luiz Artur Ferraretto,

(...) o professor Roquette-Pinto teria visto no rádio um instrumento de transformação educativa. Conferências científicas, música erudita e análise dos fatos políticos e econômicos marcaram, deste modo, as primeiras transmissões da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Intelectuais e cientistas estrangeiros em visita ao Brasil falam ao microfone da primeira emissora do país. (FERRARETTO, 2001, p.96)

Porém, de acordo com Ferraretto (2001), Roquette-Pinto encontrou dificuldades para disseminar seus ideais educacionais com o rádio por conta da realidade da população brasileira na época e pelo formato das aulas transmitidas, que eram densas. Atentemo-nos, portando, em deixar a temática da reportagem o mais acessível possível, e essa foi a principal dificuldade durante sua produção. Enquanto as pautas eram pensadas, foi questionado o quão acessíveis seriam as entrevistas e qual era o melhor modo de conduzi-las para não produzir um conteúdo técnico, excessivamente pedagógico ou ainda, de “jornalista para jornalista”, revelando um pedantismo implícito. Mas, foi possível desenvolver de forma bastante clara os questionamentos aos pesquisadores e assim realizar entrevistas que foram enriquecedoras não apenas para a reportagem, mas também para o acadêmico, que muito aprendeu com elas.

*Teorias de Gênero: Por Que Discutir?* não é uma aula aprofundada sobre a crítica feminista ou sobre a questão de gênero, e sim uma produção que buscou trazer de forma

didática e interessante esse tema que há algum tempo tem sido discutido e hoje acaba sendo apresentado de forma bastante superficial por grande parte da mídia.

## 7. REFERÊNCIAS

HEILBORN, Maria Luiza. “**Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade**”. Cadernos Cepia n° 5, Gráfica JB, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 73-92. Disponível em: <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/341846/mod\\_resource/content/2/Heilborn%20-%20genero,%20corpo%20e%20sexualidade%20pdf.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/341846/mod_resource/content/2/Heilborn%20-%20genero,%20corpo%20e%20sexualidade%20pdf.pdf)> Acessado no dia 02 de abril de 2016;

RABENHORST, Eduardo Ramalho. **As Teorias Feministas do Direito e a Violência de Gênero**. R. EMERJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57 (Edição Especial), p. 20-32, jan.-mar. 2012. Disponível em < [http://www.emerj.rj.gov.br/revistaemerj\\_online/edicoes/revista57/revista57\\_20.pdf](http://www.emerj.rj.gov.br/revistaemerj_online/edicoes/revista57/revista57_20.pdf)>. Acessado em 03 de abril de 2016.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo – fatos e mitos**; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo, volume 2**. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

ALVES, José Eustáquio Diniz; CORRÊA, Sônia. **Igualdade e desigualdade de gênero no Brasil: um panorama preliminar, 15 anos depois do Cairo**. Seminário Brasil, 15 anos após a Conferência do Cairo. Belo Horizonte: 2009. Disponível em <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/cairo15/Cairo15\\_3alvescorrea.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/cairo15/Cairo15_3alvescorrea.pdf)>. Acessado em 04 de abril de 2016.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1985

CESAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2.ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.